



## **PROJETO BENÇA: AFETO E MEMÓRIA DE MULHERES E SUAS EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NO MUNICÍPIO DE IBARETAMA – CEARÁ**

Allan Jonhnatha Sampaio de Paula<sup>1</sup>  
Liliane Viana da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O projeto “Bença: novos laços para um novo futuro” é desenvolvido na E.E.M.T.I. Cônego Luiz Braga Rocha com o anseio de contribuir na retomada e finalização dos estudos de mães, pais e responsáveis dos estudantes da escola, bem como da comunidade de Ibaretama-CE. O objetivo desta criação é investigar os relatos de memórias das mulheres integrantes do projeto Bença em suas trajetórias educacionais a partir das relações de afeto, subjetividades e trajetórias particulares. Esses processos desenvolvem-se em um contexto de desigualdades de gênero e classe social que atingem essas mulheres no processo de interrupção dos estudos. Operamos metodologicamente a partir da pesquisa-participante, com a imersão e diálogo dos pesquisadores em escutatórias com as integrantes do projeto, além do uso de questionários, analisando a dimensão socioeconômica e emocional das participantes. Fazemos uso de dados do PNAD 2024 (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio) como recurso comparativo. Entendemos que o trânsito de memórias construídas por essas mulheres, relacionado às suas trajetórias educacionais formais, pode atravessar traumas, desafios e sonhos. Tais memórias, por sua vez, estão sendo ressignificadas pelo retorno dos estudos, reverberando uma dança fragmentada de recordações (Tsing, 2019) e relacionando-se com a dimensão social dos afetos (hooks, 2021; Sharpe, 2023).

**Palavras-chave:** Projeto Bença, Mulheres, Experiência Educacional, Afeto, Memória.

### **BENÇA É O QUE PEDIMOS ANTES DE INICIAR UMA JORNADA: O INÍCIO**

O termo “benção” se refere a um costume antigo em que filhas e filhos pediam a proteção e acolhimento ao sair de casa, ao retornar, ao dormir, ao acordar, ao encontrar parentes, assim como em diversas outras situações. A expressão “bença, mãe”, “bença, pai”, no uso coloquial do termo, ainda faz parte da vida de muitos brasileiros, enlaçada tanto ao aspecto da religiosidade, como também no instinto de cuidado. Esse gesto foi o que nos inspirou na formulação de nossa iniciativa.

Nossa jornada contempla experiências de diversos habitantes do município de Ibaretama, no Ceará, que decidiram retornar aos estudos, e que, por diversos motivos, tiveram que colocar a educação em segundo plano, fazendo com que o objetivo de

<sup>1</sup> Doutorando em Letras da Universidade Federal do Ceará - UFC, allanjonhnatha@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras da Universidade Federal do Ceará - UFC, liliane.letras@hotmail.com.

conclusão da educação básica ficasse guardado. Esse processo de retomada e revitalização da vontade de estudar está conectada com a única escola estadual da cidade: a Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Cônego Luiz Braga Rocha.

A escola Cônego, com seus 59 anos de existência, nasce em um espaço de estudo dentro da casa da sua primeira professora, Maria Onete Calixto, no ano de 1966, e chega até os dias atuais sob o trabalho da atual diretora Maria Do Céu de Freitas Alves. A E.E.M.T.I. Cônego Luiz Braga Rocha faz parte da 12ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação - CREDE 12, sediada na cidade de Quixadá, Ceará. Sendo o único local do município onde é possível finalizar o ensino médio, a escola Cônego reflete diversas trajetórias de sonhos, pessoas que habitam o sertão ainda rural e de terra batida, com poucas oportunidades de emprego e formação superior. Não por acaso, o que vamos descrever está conectado com esse panorama.

O projeto “Bença: novos laços para um novo futuro” surge justamente no chão da escola, no momento das matrículas dos alunos novatos de 2024. Ao perguntarmos a escolaridade dos responsáveis, solicitada na ficha de matrícula, observamos a realidade de mães e pais que somente tinham concluído o ensino fundamental ou não tinham finalizado os estudos referentes ao ensino médio. Essas pessoas também se encontravam impossibilitadas de voltarem a estudar através do formato presencial da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Muito disso decorre do fato dessas pessoas habitarem lugares ainda de difícil locomoção, principalmente na quadra invernososa do ano, quando as estradas de terra são tomadas de lama, poças e buracos. Além disso, muitos pais relatam o crescimento da violência pelas veredas escuras onde precisam passar no período noturno. Não possuindo ainda transporte adequado para que eles possam se locomover e estudar na EJA à noite, as turmas raramente se formam. Diante dessa situação, surgiu um questionamento: como instituição de ensino, o que poderíamos fazer para que alguns habitantes do município, que são mães, pais e responsáveis dos alunos da escola, pudessem voltar a estudar, no intuito de finalizar os estudos e adquirir a certificação de conclusão da educação básica?

Dessa indagação, nasce as aulas noturnas *online*, ministradas por professores e monitores voluntários, entrelaçadas à uma ação de amadrinhamento e apadrinhamento das(os) filhas(os) para com seus próprios pais, mães e responsáveis, que então se tornaram afilhadas e afilhados, em busca de (re)construirmos novos laços entre as gerações, e do incentivo e oportunidade de retomarem os estudos. Assim, eles poderiam

chegar ao objetivo final: realizar a prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - ENCCEJA, e conseguirem o certificado de conclusão do ensino médio.

O Bença foi executado como projeto piloto em 2024 e chega em 2025 com novas turmas e abordagens. Enquanto trabalho coletivo, contamos atualmente com 2 coordenadores; 35 professores voluntários (sendo 15 professores que trabalham na escola Cônego, e 20 professores externos); 10 monitores voluntários, que são ex-estudantes da escola; 75 alunos matriculados na primeira turma (que chamamos de afilhadas e afilhados) e 60 alunos na segunda turma. Entre as duas turmas tivemos mais ou menos 100 madrinhas e padrinhos (em alguns casos, os estudantes da escola amadrinham ou apadrinham mais de uma pessoa).

Em relação ao nosso formato, criamos comissões e escalas de monitores (estúdio das aulas, secretaria, comunicação, financeira e pedagógica). As aulas estão distribuídas em ciclos, sendo um ciclo composto por cinco módulos. Cada módulo, por sua vez, equivale a uma semana, em que ocorrem dois encontros em duas noites. Em cada uma dessas noites, ocorrem duas aulas de dois componentes distintos. Todos os componentes curriculares da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são contemplados nessas aulas, que, ao final de cada ciclo, totalizam vinte.

Além disso, entre os ciclos, há uma semana com atividades diferentes, a qual chamamos de Enlaço - um elo entre os ciclos - em que ocorre plantões de dúvidas com os estudantes de componentes que eles tiveram mais dificuldades e aulas de temas integradores. Em nossa primeira turma, de março a agosto de 2024, as aulas eram veiculadas pela plataforma *Streamyard* no formato de *lives* no *YouTube*, no qual os encontros eram abertos a qualquer pessoa que quisesse assisti-los, tendo como público-alvo nossas afilhadas e afilhados. Na segunda turma, de outubro de 2024 a agosto de 2025, mudamos integralmente para o *Google Meet*, sendo as aulas gravadas e migradas para o *YouTube* logo depois, facilitando assim aos afilhados(as) assistirem às aulas em outro momento e na revisão de conteúdos. Nosso canal no *YouTube* se torna, dessa forma, a plataforma principal onde as aulas podem ser vistas de forma síncrona e assíncrona.

Ao fecharmos as inscrições do projeto da primeira turma, constatamos que dos 75 participantes, somente 6 eram do sexo masculino. Um número bem parecido relacionado à segunda turma: 60 participantes, e novamente 6 eram homens, sendo

assim as mulheres a grande maioria. E são para essas mulheres que voltamos a nossa escrita para esta criação.

Ao ouvirmos nossas afilhadas, inúmeros foram os relatos de mães e donas de casa que paralisaram os estudos para cuidar dos filhos na adolescência, da família, ou mesmo para começar a trabalhar. O retorno aos estudos desse número sintomaticamente alto de mulheres no projeto nos mostra um quadro educacional no município de Ibaretama em que a emancipação social dessas sujeitas se revela importante e necessário para o retorno de anseios que, um dia, tiveram na juventude e que estão retomando. Com isso, suas rotinas passam a se reconfigurar e novas maneiras de pensar o futuro se constroem diante delas. Ao colocarmos como *slogan* do projeto a sentença: “Bença é o que pedimos antes de iniciar uma jornada”, revelamos atenção às relações interpessoais como potenciais de transformação, seja no âmbito familiar, sob o esquema de amadrinamento dos filhos com seus pais, como também entre as próprias participantes da iniciativa. Pedir a bença é como dizer sim a si mesmas e aos outros. São dessas jornadas, rumo ao futuro, que se revelam algumas das cenas que contaremos adiante.

## **INICIANDO A JORNADA: AS FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS**

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (2020), discute questões fundamentais à prática educativa. De maneira direta e poética, Freire reflete sobre a importância das relações nas experiências em comunhão como formas potenciais de aprendizagem. Dessa maneira, ele afirma que

[...] não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (Freire, 2020, p. 62).

Com base nisso, o projeto Bença busca atenção especial à “bagagem de mundo” dessas mulheres, suas experiências e percepções. Esse movimento é fundamental, não apenas para a concepção e funcionamento da iniciativa, bem como na forma de nos relacionarmos com essas pessoas. Suas vivências pessoais atravessam os caminhos de seus processos educacionais formais, influenciando, por exemplo, na permanência no

projeto, na frequência das aulas, na participação e engajamento. Portanto, ao dimensionarmos o respeito ao educando, também compreendemos essas experiências cambiáveis a partir da noção do diálogo e no exercício de ouvir.

O Bença foi inicialmente desenvolvido por dois professores atuantes na E.E.M.T.I. Cônego Luiz Braga Rocha, que faziam parte da área de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias: Allan Jonhnatha Sampaio de Paula (professor de Inglês) e Liliane Viana da Silva (professora de Língua Portuguesa); mas o projeto, ao todo, é executado a muitas mãos, em um plano de voluntariado, e, principalmente, de esperança e de mudanças.

O projeto apresenta um nome para cada ciclo. Ao intitularmos o nosso primeiro ciclo de “Dando a Bença”, estávamos firmando uma simbologia entre professores e monitores voluntários: o compartilhamento de um desejo, do anseio de êxito e emancipação no começo dessa jornada. Cada ação e execução são pensadas para nossos alunos e no que a volta à educação pode lhes proporcionar. A escritora, ativista e professora bell hooks comunga com o pensamento de Paulo Freire, ao discutir uma educação pautada na liberdade e no que elas, juntas, podem oferecer para professores e alunos. Ela relata, em seu livro *Ensinando a transgredir* (2013), duas inspirações para a construção de sua trajetória educacional:

Paulo Freire e o monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh são dois “professores” cuja obra me tocou profundamente. Quando entrei na faculdade, o pensamento de Freire me deu o apoio de que eu precisava para desafiar o sistema da “educação bancária”, a abordagem baseada na noção de que tudo o que os alunos precisam fazer é consumir a informação dada por um professor e ser capazes de memorizá-la e armazená-la. Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática de liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chamava de “conscientização” em sala de aula. (Hooks, 2013, p. 25-26).

Ao destacar palavras como “professores”, “educação bancária” e “conscientização”, hooks nos leva a refletir sobre como educadores devem ter a consciência de que a escola não deve trabalhar com uma educação enquanto um mero repositório de informações, e sim de que todos, em coletividade, no ambiente escolar, devam ser participantes ativos, que procurem assumir uma educação libertadora e também que enxerguem seus alunos em suas individualidades e vivências no meio social. Para isso, a inclusão de aulas de temas integradores no projeto Bença se tornou uma forma de criar, a partir de um prisma interdisciplinar, novas bases de debate e

trocas de conhecimento. Assim, baseando-se não apenas no diálogo, mas na atenção à abordagem das aulas, construímos formas de integrar e manter um processo de ensino-aprendizagem que buscasse acolhimento, debate e desenvolvimento de senso crítico, atentando-se para como a dimensão das problemáticas sociais, em nosso caso, principalmente de gênero, reverberam na vida particular de nossas afilhadas.

Na possibilidade de integrar os alunos e de escutar suas vivências, o projeto Bença destaca uma educação libertadora, pautada na visão de Paulo Freire, em que grande parte de seus participantes são do sexo feminino: mulheres que, por motivos como família e maternidade, até mesmo, com a proibição destes, tiveram que parar seus estudos a fim de cuidarem de seus familiares. Com o avanço de pesquisas relacionadas à história das mulheres em diversas sociedades, constatou-se que, por intermédio do patriarcado, as mulheres passaram a ser enclausuradas ao ambiente privado, criando responsabilidades e obrigações fechadas a um destino feminino: ser sexo frágil, esposa, mãe e estar relacionada à teia de cuidados familiares em um espaço privado.

Com esse destino desenhado, muitas mulheres tiveram uma educação negligenciada ou negada, tornando seus corpos, pensamentos e desejos subalternizados, indivíduos que pudessem ser manipulados, inferiorizados e invisibilizados. Enquanto homens eram educados dentro dos conhecimentos da matemática, das ciências, da astronomia, da filosofia etc, sendo projetados ao meio público, as mulheres eram instruídas à religião e aos afazeres domésticos, criando, assim, uma divisão entre os sexos na sociedade (Telles, 2020).

Pensando em todo esse contexto, em que as mulheres cresciam em lugares de privação, como o meio doméstico, elas passaram a se dedicar à leitura e à escrita, instaurando processos de liberdade que nascem, também, a partir das letras. Sabendo que o patriarcado oprime o sexo feminino, o caminho da educação, assim como o da literatura, foram primordiais para que a mudança pudesse acontecer. Essa realidade, apesar de parecer remota com todos os avanços que já tivemos nas relações de gênero, principalmente no âmbito do trabalho formal, ainda reverbera na contemporaneidade.

De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), coletados para o módulo anual de educação do Plano Nacional por Amostra de

Domicílio (PNAD) de 2024<sup>3</sup>, há diversos motivos para a interrupção dos estudos entre os jovens de 15 a 29 anos. No recorte de gênero, algumas especificidades recaem nas experiências de desigualdade vivenciadas pelas mulheres.

Entre as mulheres, o motivo mais citado foi a necessidade de trabalhar (25,1%). Em seguida, vinham a gravidez (23,4%) e a falta de interesse (22,5%). Além disso, 9,0% delas indicaram a realização de afazeres domésticos ou cuidados com outras pessoas. Entre os homens, apenas 0,8% apontaram essa justificativa para o abandono escolar. Para o analista do IBGE, “esses resultados evidenciam que, além da condição econômica, as responsabilidades reprodutivas e domésticas ainda estão entre os principais entraves para a permanência das mulheres jovens na escola. Para os homens, a atribuição do trabalho remunerado é o fator marcante para o abandono escolar” (Bello, 2025, n.p).

Tais estatísticas nos mostram como muitas das questões que vamos exibir mais à frente e que estão relacionadas à experiência de vida de nossas afilhadas também são evidenciadas em um panorama nacional da condição de inúmeras jovens que interrompem seus estudos por questões que, em muitos casos, vão além da necessidade de trabalhar, mas que também se voltam para as mulheres de forma mais incisiva, como a gravidez, a necessidade de afazeres domésticos e trabalhos de cuidado.

## **A TRAVESSIA: PROCESSOS METODOLÓGICOS**

Os meios aqui utilizados para construir nossas evidências se dão em caráter qualitativo e descritivo. A fim de constituir nossas considerações, fazemos uso de questionários socioeconômicos e emocionais para que possamos investigar, dentre alguns tópicos, as seguintes questões: a identidade étnico racial dessas mulheres, a idade com que pararam de estudar, suas profissões e razões para o abandono educacional, bem como as sensações e sentimentos descritos por elas em momentos decisivos, como a interrupção de seus estudos ou a retomada deles.

Ademais, também consideramos nossa análise sob o prisma de uma pesquisa-participativa, que “consiste numa investigação efetivada a partir da inserção e na interação do pesquisador ou da pesquisadora no grupo, comunidade ou instituição investigado” (Peruzzo, 2017). Partindo dessa premissa, é importante que possamos

---

<sup>3</sup> Para mais informações: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43699-indicadores-educacionais-avancam-em-2024-mas-atraso-escolar-aumenta>. Acesso em: 12 ago 2025.

considerar a convivência de interesses e fatos, percebendo o meio de experiências dos investigados. Contudo, apesar dessa observação, em consonância a uma pesquisa em andamento e da qual os pesquisadores também são seus operadores, frisamos que a pesquisa-participante não se desenvolverá aqui a partir de uma noção etnográfica, de observação e análise no meio dos observados, mas de suas vivências *no próprio projeto*. Dessa forma, desenvolvemos o formato de escutatórias, momentos de discussão e escuta de experiências ocorridas durante as aulas, encontros especiais e momentos de leitura literária, como formas de integração e acolhimento das trajetórias dessas mulheres.

## **ALINHAVANDO CAMINHADAS: AS MULHERES DO “BENÇA” E SUAS TRAJETÓRIAS**

Ao dimensionarmos as primeiras estatísticas relacionadas às afilhadas, com base em nossos formulários, percebemos que elas correspondem a uma maioria dezessete vezes maior que os homens: as afilhadas respondem por 94,6% dos participantes, em face de 5,4% dos afilhados. Um recorte racial também explicita a presença majoritária de pessoas que se autodenominam pardas (81,1%), seguidas por pretos (13,5%) e brancos (5,4%). Isso também nos mostra a maioria parda e negra que é contemplada com o projeto e que, segundo dados do PNAD 2024 e de edições anteriores, também equivale à parcela da população que apresenta maior porcentagem de desocupação de trabalho e estudo, trazendo alguns indicadores antecedentes de desigualdade social e racial.

Sobre a idade atual, a maioria das afilhadas estão na faixa etária de 30 a 40 anos, correspondendo a 56,7% do total, seguida pela faixa etária de 40 a 50 anos (29,7%) e menos de 30 anos (13,5%). Sobre a idade em que ocorreu a interrupção dos estudos, muitas delas afirmam ter parado já com 18 anos (35,1%) ou 17 anos (29,7%), seguido por 16 anos (16,2%), 15 anos (13,5%) e 14 anos (5,4%); ou seja, estavam prestes a finalizar o ensino médio quando paralisaram os estudos e, atualmente, retomam depois de uma ou duas décadas sem estudarem. As razões que as levaram a isso são previsíveis e coadunem com muitos dados do PNAD 2024. A gravidez se sobressai como principal motivo: 48,6%, seguido por “relacionamentos e casamentos” (27%), “necessidade de ajudar em casa trabalhando” (27%), “falta de interesse” (10,8%), “dificuldade de ajudar em casa em afazeres domésticos” (8,1%) e “dificuldade para chegar à escola” (5,4%).

Ao escreverem sobre como se sentiram após interromperem os estudos, a grande maioria destacou a tristeza e a frustração como sentimentos de imediato. A aluna/afilhada Crislaine de Melo Rabelo da Silva, de 37 anos, destaca: “Como eu era muito nova não senti que iria fazer muita diferença, mas com o passar dos anos eu vi que estava completamente enganada. Mas hoje eu penso em terminar meus estudos, ingressar em uma faculdade, me especializar no que realmente gosto e o céu é o limite”. Já a aluna/afilhada Maria Madalena Bernardo da Silva, de 33 anos, escreve: “Por um lado fiquei feliz em saber que ia ser mãe, entretanto fiquei triste em não terminar meus estudos no tempo certo, pois sempre sonhei em terminar o ensino médio e fazer uma faculdade”. As duas respostas demonstram, além da tristeza de parar os estudos, a vontade de voltar, colocar um ponto final nessa etapa da educação básica.

Sobre tais vontades, perguntamos as razões pelas quais essas mulheres retomaram os estudos. “Conseguir novas oportunidades de trabalho” destaca-se como a maior razão entre elas, correspondendo a 70,3% das respostas. Em segundo lugar, “servir de exemplo para meus filhos”, apresenta 40,5% da lista, seguido por “ingressar no ensino superior ou em cursos técnicos” (32,4%), “apenas finalizar os estudos” (16,2%), e “outras razões” (5,4%). Pensar que essas questões são somente algumas que essas mulheres tanto justificam, faz com que enxergamos que, inseridas em um contexto de resquícios patriarcais, elas anseiam por muito mais.

Ao serem questionadas quem é a/o responsável pelo trabalho doméstico da sua residência, 91,9% das mulheres disseram ser elas. Sobre quem é a/o responsável pelo cuidado de pessoas em sua residência ou fora dela, 86,5% se veem nessa atividade. Ao obtermos um número tão elevado em relação a essas duas perguntas, constatamos que, em pleno século XXI, as mulheres ainda ocupam papéis muito específicos relacionados a épocas remotas, em que instruíam o sexo feminino ao mundo do cuidado, a serem vistas como frágeis, a se colocarem como segundo sexo, o que enxergamos ainda em vários trabalhos de pesquisadoras sobre o gênero feminino.

Outras respostas obtidas pelo questionário socioeconômico e emocional, e que também nos diz muito sobre os pensamentos e sentimentos dessas mulheres, estão relacionadas à essa fase de retomada, em que a ação de realizar a inscrição para o projeto já representa muito. Ao serem perguntadas em como se sentiram ao retornarem aos estudos através do projeto Bença, expressões como oportunidade, felicidade e gratidão dominam 100% das respostas. A aluna/afilhada Roberta Keyyja de Sousa do

Nascimento, de 32 anos, que também é funcionária da E.E.M.T.I. Cônego Luiz Braga Rocha, relata que “Apesar da dificuldade de assistir às aulas por falta de tempo, senti que o projeto me deu uma nova chance! A oportunidade perfeita para realizar sonhos deixados de canto por muito tempo!”. A aluna/afilhada Vanuza Monteiro da Silva, de 34 anos, comunga com o mesmo sentimento das demais, e destaca: “Já me sinto realizada, me sinto capaz, e privilegiada por ter essa oportunidade”.

Ao comporem esses relatos, muitas de nossas afilhadas lembram episódios traumáticos, como a interrupção dos estudos por questões de saúde mental (depressão, ansiedade), o impedimento da família e as obrigações de casa. São momentos que atravancam o caminho dos desejos, emanando os enlaces do passado, fazendo os traumas “reaparecem para romper o presente” (Sharpe, 2023, p. 25). Logo, essas memórias presentificadas se compõem como vestígios, rastros de vivências que coadunem com as desigualdades sociais e de gênero, e que agora estão sendo ressignificadas por um novo presente.

Muitas dessas mulheres relatam que se sentem adolescentes novamente, como se voltassem no tempo quando se deparam estudando nos dias de hoje. Ao afirmarem isso, elas também retomam uma visão idílica da adolescência como o momento das oportunidades, de crescer e aprender, de conseguir todas as realizações possíveis. Ao estudarem em um momento em que são mães de família, em que sentem que podem realizar os “sonhos deixados de canto por muito tempo”, elas também trazem novas ideias sobre o tempo das oportunidades, que não se restringe apenas à adolescência. Sendo adultas, mais maduras, com outras responsabilidades que antes não tinham, nossas afilhadas recolocam suas prioridades diante de si mesmas e demonstram capacidade de se reinventarem em um momento de suas vidas que talvez já não cogitassem isso. É um exercício de autoestima, como também de autoafirmação.

Nossos encontros presenciais, a exemplo das aulas inaugurais da primeira e segunda turmas, também se tornaram momentos de partilha e construção de uma nova etapa nas trajetórias dessas mulheres. Durante esses encontros, ocorridos respectivamente em abril e novembro de 2024, a maior parte do nosso público presente, mulheres, tiveram a chance de relatarem suas ânsias e sonhos, ouvidas por todos e reverberando os desejos adormecidos. Assim como nos encontros *online*, os encontros presenciais, mais pontuais, também sinalizam a dança de memórias e testemunhos. Essa dança, não aqui entendida como arte formal, sinaliza o movimento e a constante

mudança das nossas experiências de vida (Tsing, 2019). A memória que nos remetemos, diz respeito não apenas a uma dimensão traumática do passado, como também às experiências presentificadas, que ressignificam esse passado e o potencializa em sonho. Logo, a dança de memórias se reconstrói em novos espaços de recordação e afeto.

**Figura 1:** Encontros presenciais da nossa primeira aula (à esquerda) e segunda aula (à direita) inaugurais.



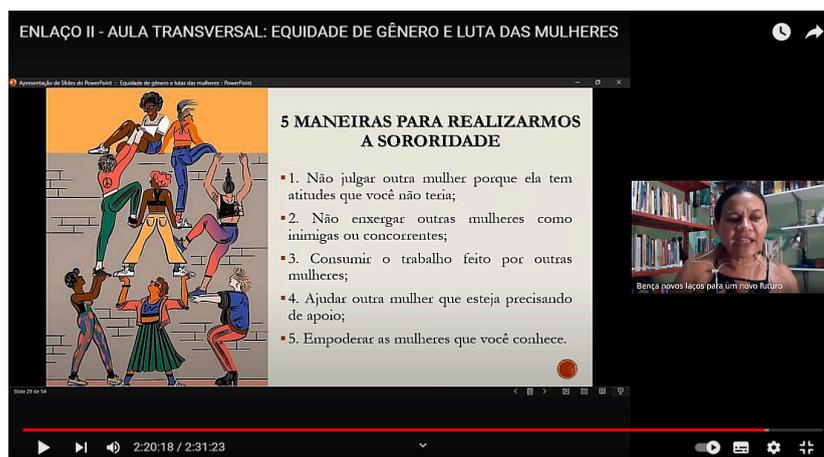
Fonte: Acervo pessoal (2024)

No segundo “Enlaço”, ocorrido entre os dias 06 e 10 de maio de 2024, foi ministrada uma aula transversal com o tema “Equidade de gênero e luta das mulheres”, no qual tivemos oportunidades de levantar questões como: “O que é gênero?”, “O que é equidade?”, “O que é sororidade?”, e a partir dessas perguntas geradoras proporcionar um debate que envolvia os sacrifícios da maternidade, a construção histórica do que é ser mulher no Ocidente, os direitos das mulheres, e como o preconceito contra elas conecta-se ao patriarcado. Tais questões mesclavam-se às próprias realidades das estudantes que nos ouviam e também debatiam.

Nesse exercício de escuta e diálogo, essa aula pôde proporcionar novas chances de partilha e oportunidade do exercício de autoconsciência. Logo, salientamos entre nossas estudantes a importância de entender os problemas “de dentro de casa”, como problemas do mundo, escalonadas nas pequenas e grandes experiências de nossas vidas. Ao relatarem sobre suas vidas, nossas afilhadas entram em consonância com as palavras de bell hooks: “Um dos melhores guias para amar a si mesmo é nos dar o amor que geralmente sonhamos receber dos outros” (hooks, 2021, p. 90). Na prática de falar, ouvir e se ouvir, essas mulheres também reiteram a importância de suas próprias vidas, do poder de tomar decisões, na esperança renascida. Portanto, o exercício de sonhar, narrar,

esperançar, como já nos aponta Freire, é também é um exercício de afeto, de amar a si e ao outro. Logo, o que construímos em nossas experiências reflete o dimensionamento pessoal, como também coletivo dos nossos desejos.

**Figura 2:** Cena da aula transversal “Equidade de gênero e luta das mulheres”



Fonte: YouTube (2024)

O projeto Bença é alicerçado em dois pilares: as aulas *online* ministradas, que permite que todas as pessoas possam acessá-las em diferentes lugares, com maior difusão e flexibilidade; e o acolhimento, a orientação e o estímulo de madrinhas e padrinhos para com suas afilhadas e afilhados. Ao serem questionadas como tem sido essa relação, destacamos, por exemplo, a resposta da aluna/afilhada Samara da Silva, de 36 anos, que possui seu irmão como padrinho. O jovem, que é funcionário da E.E.M.T.I. Cônego Luiz Braga Rocha, foi convidado pelo projeto a ser padrinho de sua irmã. Samara destaca: “Meu irmão é a melhor pessoa do mundo. Pra mim, sou grata a ele por ter me ajudado em tudo, até ficar com meu filho Davi, eu quero que meu irmão tenha orgulho de mim”. Já a aluna/afilhada Maria Lica Fernandes Honorato, de 42 anos, possui sua filha como madrinha. Ela relata: “A minha relação com minha filha é maravilhosa, nos damos muito bem e temos carinho e respeito uma pela outra”. Ao lermos os depoimentos de todas as mulheres relacionados às suas madrinhas e padrinhos constatamos que esse pilar de relacionamento é peça fundamental para que as alunas/afilhadas não pensem e não cheguem a desistir. Apesar dos bons relatos, entendemos que o pilar do amadrinhamento/apadrinhamento também precisa ser

aprimorado, fazendo que com que pensemos em formas constantes de fortalecer esse elo, em alguns casos, fragilizado.

Portanto, ao constituírem novos laços com seus familiares, ao se disporem em ressignificar suas rotinas e construir novos enlaços para seus futuros, muitas dessas mulheres também desmantelam microestruturas a que estavam submetidas, em matéria de confinamento e restrição ao ambiente doméstico, bem como à própria limitação nas atuações em espaços coletivos e no mundo do trabalho. Para tanto, evocamos Freire mais uma vez, quando esse afirma que:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem de estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr riscos de assumi-la. E terem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus proprietários, mas aos companheiros, que se assustam com maiores repressões (Freire, 2020, p. 19).

O que podemos perceber ao nos deparar com as palavras dessas mulheres é a proatividade e vontade de manterem-se ativas em suas vidas, não limitando-se mais ao espaço privado, e sim alimentando entre elas a força afetiva dos desejos e sonhos (hooks, 2021). Ao constituir anseios, como ingressar no ensino superior, melhorar suas condições, essas mulheres subvertem o próprio tecido social demonstrado em alguns dos dados estatísticos aqui expostos.

Esse processo todo que estamos aqui descrevendo se caracteriza como *emancipatório*. Em linhas freirianas, a emancipação se manifesta como um processo de libertação política, se realizando nos campos cultural e social, operando práticas e ações que atenuem ou acabem com mecanismos de opressão, seja no campo íntimo ou público. Essas mulheres, ao evocarem em si mesmas um sentimento de capacidade, crescimento, afeto, memória e realização, contribuem para suas próprias caminhadas emancipatórias, em prol de um novo futuro, não apenas tomados de sonhos, mas da realização deles.

## **O ALINHAVO DERRADEIRO**

Ao refletirmos sobre nossas caminhadas entrelaçadas de saberes e vozes diversas, é curioso pensar como ouvir o outro e imaginar suas trajetórias contribui para

o aprendizado também de quem ouve. Aprimoramos a sensibilidade e a percepção do que nos rodeia, em todas as suas nuances e variedades.

Nossas alunas/afilhadas constroem novas formas de vivências e experiências enquanto sujeitas no mundo, se propondo não apenas a retornar a estudar, mas legitimando seus lugares como mulheres em um âmbito público, recapitulando e demonstrando sentimentos que outrora não tinham demonstrado. Ao se mostrarem capazes de voltar a estudar, elas também acumulam confiança para se lançar no mundo do trabalho, de trazer novos significados e aprendizados à convivência familiar, além de elucidar novas camadas à própria autoestima de cada uma. Isso as faz remexer no baú de vestígios e memórias que lhes marcaram, trazendo de volta à vida nesse processo de emancipação, as marcas de vivências que um dia as atravancaram. Contudo, no lugar de imobilizá-las, esses processos potencializam a memória presentificada e ressignificada.

Ao tracejarmos essa criação, não consideramos de forma incisiva outros recortes, como raça e classe social, o que também limita nosso olhar a outras variantes. Nesse sentido, nos atentamos à dimensão do gênero como mote desta investigação. Assim, concluímos que a emancipação política que essas mulheres realizam, ao não se dobrarem mais a problemas estruturais que enfrentam nas violências do cotidiano, reverbera na ânsia por se mostrarem aptas a um novo futuro, alimentando um espírito coletivo de êxito e crescimento pessoal. É um ato político que as estabelece como cidadãs que buscam gozar cada vez mais de seus direitos, como também de suas próprias satisfações. Em suas narrativas e desejos, essas mulheres reconstroem uma dança de vestígios passados e novos, trazendo ao presente anseios guardados e criando uma nova tapeçaria de experiências na dimensão do íntimo e do coletivo.

## **ABSTRACT**

The project "Bença: novos laços para um novo futuro" is being developed at the Cônego Luiz Braga Rocha High School (E.E.M.T.I.) to contribute to the resumption of studies by mothers, fathers, and guardians of the school's students, as well as the community of the municipality of Ibaretama, state of Ceará, Brazil. The objective of this project is to investigate the memories of the women participating in the Bença project throughout their educational trajectories, based on relationships of affection, subjectivities, and individual trajectories. These processes unfold within a context of gender and social class inequalities that affect these women during the process of interrupting their studies. Our methodological approach is participatory research, with researchers immersing themselves in and engaging in dialogue with the project members. We also use questionnaires to analyze the participants' socioeconomic and emotional dimensions. We use data from the 2024 PNAD (National Household Sample Survey) as a comparative resource. We understand that the flow of memories constructed by these women, related to their formal educational trajectories, can traverse traumas, challenges, and dreams.



These memories, in turn, are being reinterpreted by the return to school, reverberating a fragmented dance of memories (Tsing, 2019) and relating to the social dimension of affection (hooks, 2021; Sharpe, 2023).

**Keywords:** Bença Project, Women, Educational Experience, Affection, Memory.

## REFERÊNCIAS

BELLO, Luiz. Indicadores educacionais avançam em 2024, mas atraso escolar aumenta. In: **Agência IBGE**. 13 jun 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43699-indicadores-educacionais-avancam-em-2024-mas-atraso-escolar-aumenta>. Acesso em: 12 ago 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 64 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

PERUZZO, Cicilia M. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. In: **Estudios sobre las Culturas Contemporâneas**. Vol. XXIII, nº 03, 2017, págs. 160-186.

SHARPE, Christina. **No Vestígio: negridade e existência**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi. (Org. e Coord. de Textos). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed. 7 Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020, p. 401-442.

TSING, Anna Lowenhaupt. Capítulo 1. Dançando na Floresta de Cogumelos. In: **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. – Brasília: IEB Mil Folhas, 2019, p. 27-41.